

ASSOCIAÇÃO JUNGUIANA DO BRASIL – AJB  
INSTITUTO JUNGUIANO DE SANTA CATARINA – IJUSC  
PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE ANALISTAS

Este *paper* é apresentado à direção de ensino, para avaliação do primeiro semestre e como pré-requisito na formação de analista.

Candidata: Maraike Klimmek Marschall

Paper 1 – Florianópolis, 07 de agosto de 2024.

O caminho da (trans)formação

O início da jornada de (trans)formação em analistas<sup>1</sup> junguianos intensifica o mergulho na nossa história. Tendo início no processo de seleção, em especial com a reflexão escrita da biografia, somos instigados e confrontados a revisitar momentos marcantes e desafiadores da nossa infância, adolescência, da vida presente e de acontecimentos antes mesmo de termos nascido. Não obstante, o tema do seminário inicial é a biografia de Jung. Assim, nos deparamos com a percepção de que grande parte da construção da sua teoria foi baseada em experiências e momentos pessoais intensos sob os quais ele não hesitou em se debruçar sobre. São no mínimo intrigantes as reverberações sentidas em nós a partir destas reflexões.

Em virtude disto, nos propomos a refletir sobre a importância do reconhecimento e aprofundamento na própria biografia como parte do caminho na formação do analista junguiano. Além de ponderar sobre a magnitude da biografia individual, é pertinente nos aproximarmos do valor que o processo de análise<sup>2</sup> individual compreende, enquanto toca em aspectos inconscientes, além de notarmos os limites entre analista e paciente.

Reconhecer e honrar a história individual assim como fez Jung, incluindo também as partes encobertas pela sombra, é indispensável, uma vez que interfere nas palavras, atitudes, comportamentos, sonhos, entre outros. Jung sustenta que “[...] o que o médico não vê em si mesmo, também não percebe no seu paciente, ou então

---

<sup>1</sup> Neste *paper* serão considerados sinônimos: analista, analista junguiano, psicólogo e terapeuta.

<sup>2</sup> Neste *paper* serão considerados sinônimos: análise, terapia, processo terapêutico e psicoterapia.

percebe, mas de maneira exagerada [...]” (OC 16/1, §237), por conta disto, é preciso construir uma percepção de nós mesmos durante o processo de terapia. Se o analista tem dificuldade em distinguir certas características pessoais em si mesmo, pode projetá-las no paciente, atrapalhando o processo. Com isto, precisamos nos aprofundar na nossa biografia individual para nos tornarmos terapeutas mais atentos e zelosos da história dos nossos pacientes, mas sem excessos.

Sabemos que a Psicologia Analítica enfatiza a integração entre os aspectos opostos da psique que incluem experiências pessoais e coletivas, e que constituem a personalidade e o comportamento. Logo, a busca pela consciência das nossas experiências ao longo da vida, desempenha um papel crucial na formação e atuação profissional, nos lembrando do constante desenvolvimento e (trans)formação necessários. O longo e amplo processo de formação profissional incorpora o domínio de técnicas, incontáveis leituras de aprofundamento e muito estudo. Mas nada disto tem utilidade sem um trabalho interno significativo, visto que, “[...] a análise didática reduz os riscos de projeções infundadas por parte do analista, porque através dela ele se torna mais consciente do que se passa com ele.” (Jacoby, 2011, p. 40)

Quando nos permitimos olhar para as nossas próprias feridas, conseguimos estar disponíveis para aqueles que buscam nossos serviços. Durante o processo da psicoterapia, há também uma transformação no próprio terapeuta e ele “[...] não deve esquivar-se das próprias dificuldades, como se ele mesmo não as tivesse, apenas por que está tratando das dificuldades de outrem.” (Jung, OC 16/1, §172) Em outras palavras, quando evitamos olhar para os nossos problemas estamos dificultando também a possibilidade do paciente em olhar para os seus problemas, ou seja, precisamos nos transformar para sermos capazes de transformar.

Assim sendo, percebemos que a análise se torna um aspecto essencial no aprofundamento da história individual. Jacoby salienta, com relação aos analistas, que é importante

[...] proporcionar-lhe algum *insight* [...] tornar-se mais consciente de si mesmo, [...] também precisa tornar-se ciente de quão *diferente* as pessoas podem ser, e de como a mesma situação pode ser vivenciada de muitos modos diferentes. (2011, p. 133)

Isto é, a análise pessoal deve permitir que o terapeuta se aprofunde e explore os labirintos da própria história, buscando as camadas inconscientes que podem interferir

na sua prática clínica, como por exemplo as identificações inconscientes e a projeção de questões e desejos não resolvidos. A análise torna-se um lembrete de que apesar da nossa expertise como psicólogos, também somos seres humanos em constante processo de desenvolvimento e crescimento.

Ademais, existem aspectos da nossa história que nos atravessam e que podem nos assombrar, por assim dizer. Um complexo não investigado, por exemplo, pode se tornar uma presença sombria e perturbadora na nossa jornada pessoal e profissional. De forma que, estes aspectos não notados nos perseguem e nos assombram, semeando sentimentos diversos, entre eles os de não pertencimento ou de esvaziamento. Ao abraçarmos a jornada pessoal, com todas as suas nuances e complexidades, começamos a compreender quem somos e para onde caminhamos. Essas reverberações nos trazem um propósito de pertencimento.

Hollis explica que “[...] quando um complexo é ativado, seja ele benéfico ou maléfico em seu efeito sobre nós, somos contidos pela história, possuídos pelo passado.” (2017, p. 81) Isto é, a história de um indivíduo se estabelece antes mesmo do seu nascimento, através da sua história familiar, e sem dúvidas, o seu processo de aprofundamento precisa considerá-la, para que possa compreender os seus efeitos no presente e na sua jornada pessoal. Quando evitamos olhar para nossa história, corremos o risco de sermos possuídos [pelos complexos], o que entre outras coisas, afeta o trabalho como analistas. Então, ao nos conscientizarmos de um complexo, bom ou ruim, criamos contorno, e nos tornamos mais humanos, saindo do lugar de “psicólogos poderosos” e imunes aos efeitos da psique.

Essa jornada de autoconhecimento e crescimento pessoal nos leva a uma compreensão profunda de que não estamos isentos de nossas próprias feridas e desafios internos. Ao olharmos honestamente para nós mesmos, percebemos que carregamos tanto o papel de “curadores” quanto de “feridos” em busca de respostas. Essa dualidade encontra ressonância no mito grego de Quíron<sup>3</sup>, um centauro sábio e habilidoso nas artes da cura, a que Jung chamou de “curador-ferido”. À vista disso, Torres ressalta que “[...] buscar uma reflexão a respeito do arquétipo do curador-

---

<sup>3</sup> Quíron era um centauro (meio homem e meio cavalo) filho de Cronos e Filira. Por conta das circunstâncias da sua concepção e nascimento foi abandonado pelos pais. Encontrado por Apolo, foi adotado e criado por como filho. Ele o ensinou todos os seus conhecimentos, incluindo medicina e as artes da cura. Durante uma situação conflituosa e confusa, Hércules o feriu acidentalmente na coxa, com uma flecha embebida no sangue de Hidra, um veneno incurável. Sendo filho de um titã, era imortal, mas mesmo com todas as suas habilidades de cura, não teve sucesso em curar a sua própria ferida.

ferido, assim como a elaboração desse aspecto em sua individuação, é tarefa fundamental para qualquer profissional de saúde. O que dirá do analista.” (2018, p. 50)

Assim como Quíron, somos chamados a abraçar essa natureza dual, onde somos simultaneamente aqueles que curam e aqueles que buscam a cura. Nossas próprias feridas, longe de serem obstáculos, podem se tornar fontes de compaixão, empatia e compreensão sobre a condição humana. Ao reconhecermos nossas vulnerabilidades, podemos estabelecer uma conexão mais autêntica e profunda com aqueles que chegam até nós. A relação terapeuta-paciente é de influência mútua, visto que “[...] o encontro de duas personalidades é como a mistura de duas substâncias químicas diferentes: no caso de se dar uma reação, ambas se transformam.” (Jung, OC 16/1, §163) Essa humildade e autoconsciência nos permite refletir sobre o processo terapêutico de uma perspectiva mais holística, lembrando-nos de que a cura não é um caminho de mão única, mas sim um diálogo constante entre “curador” e “ferido” em nós, onde ambos têm lições valiosas a compartilhar. Apoiado no mito, Jung reflete

[...] que mais ou menos metade de cada tratamento em profundidade consiste no autoexame do médico, porque ele só consegue pôr em ordem no paciente aquilo que está resolvido dentro de si mesmo. Não é um engano quando se sente afetado e atingido pelo paciente: ele só vai se curar na medida do seu próprio ferimento. Qual é o significado do mitologema grego do médico ferido, se não justamente isso? (OC 16/1, §239)

Apesar de ser imortal, Quíron não conseguiu curar a sua própria ferida mais dolorida, de modo que, o mito enfatiza a importância de reconhecer e integrar as próprias feridas como parte do processo de individuação. Podemos entender que o mito também se relaciona com a trajetória de Jung. Ele foi confrontado com a dualidade curador-ferido desde a infância, quando tinha seus próprios conflitos internos, suas próprias feridas. Primeiro a decepção com o pai e depois a percepção de uma mãe que tinha duas personalidades diferentes, fazendo com que tivesse que buscar desde muito cedo um curador dentro de si.

Então, ao explorar e compreender a nossa própria história, estamos nos capacitando a desenvolver uma consciência mais profunda de nossos próprios processos internos, experiências e influências que moldam a nossa visão de mundo e a nossa escolha pela Psicologia Analítica. E isso não apenas nos permite lidar com

empatia e compreensão ouvindo as histórias dos nossos pacientes, mas nos convoca a reconhecer e separar as nossas experiências pessoais das experiências deles, promovendo uma prática ética e sensível. Torres reitera que

Aquele analista que conseguir estar em contato profundo com sua ferida interior, e também em contato com os aspectos curador e ferido de seu paciente, poderá operar a função transcendente. Trilhar sua individuação e contribuir para que seu paciente trilhe a dele. (2018, p. 55)

E, neste sentido, a função transcendente diz respeito a integração de aspectos conscientes e inconscientes, que é o maior objetivo do processo de individuação.

Sem dúvidas, a Psicologia Analítica é verdadeiramente singular pois foi construída a partir da jornada pessoal e profissional de Jung, que se entrelaçou de maneira única, levando-o a uma exploração profunda e principalmente corajosa do seu próprio inconsciente. Assim, como profissionais em formação, é crucial que também apostemos no exame da nossa própria jornada interior, buscando compreender e integrar as complexidades da nossa psique. A responsabilidade do psicoterapeuta se estende para além de conhecimentos teóricos, e, para suportar as dores do outro, é preciso antes de qualquer coisa, conseguir suportar as próprias dores.

A compreensão da influência que a história pessoal tem na nossa vida, nos convida para a jornada de autoconhecimento. As experiências passadas moldam nossas crenças, comportamentos e padrões mentais, deixando uma marca permanente na nossa psique. Ao reconhecer essas marcas inscritas profundamente, podemos desenvolver maior consciência dos nossos processos emocionais, possibilitando uma busca por transformação e crescimento pessoal no processo de individuação. (Hollis, 2017) Mas, muitas vezes

O passado não é passado. O presente é assombrado pela dinâmica arquetípica que nos recorda que qualquer história não contada é um presente inconsciente. Um presente inconsciente é uma história que insistirá em ser contada e será derramada sobre nossas biografias. (Hollis, 2017, p. 40-41)

Isto significa dizer que, qualquer história não examinada pode se tornar um elemento latente do inconsciente, aguardando para ser expresso e assim interferir ou até dominar a nossa vida. Dessa forma, um presente inconsciente representa uma

narrativa que persiste em ser revelada e que terá impacto significativo na jornada e na vida profissional. Porém, Jung nos confronta, articulando que

[...] jamais análise alguma seria capaz de suprimir definitivamente todas as inconsciências. O que temos que aprender nunca se esgota, e jamais deveríamos esquecer que cada caso novo levanta novos problemas, e vai dar oportunidade para que se constelem pressupostos inconscientes que até então não tinham aflorado. (OC 16/1, §239)

Ou seja, a psicoterapia não examina em definitivo e nem por completo o inconsciente. O aprofundamento na própria história, e o autoconhecimento adquirido com o tempo, são inesgotáveis. Cada novo caso nos apresentará novos desafios, revelando e tocando partes do inconsciente que ainda não (re)conhecemos. Considerando isso, percebemos que a terapia não se finda e que pode ser intensamente emocional e desafiadora, exigindo que nos confrontemos e reconheçamos os próprios limites de capacidade para oferecer um suporte adequado.

É imprescindível reconhecê-los frente aos pacientes, isto se torna um ato de sabedoria. Na busca por ajudar, podemos nos colocar em um lugar de onde nos enxerguemos como os poderosos detentores de todo o conhecimento. No entanto, a realidade é que cada ser humano é único, com a sua própria trajetória de autoconhecimento e evolução pessoal. Jung enfatiza “[...] como pode alguém educar, se ele mesmo não foi educado, como pode esclarecer, quando está no escuro [...] como purificará, se ainda é impuro?” (OC 16/1, §169). Em outras palavras, o analista precisa estar disponível para olhar para si antes de se disponibilizar para o outro.

Neste aspecto, Franz complementa e nos alerta que o que

[...] é absolutamente necessário não é nos tornarmos um grande curador e, sim, conhecermos nossos limites. Porque pode acontecer – e não é tão raro assim – que um paciente cresça mais do que nós, ou seja, avance mais no processo interior do que nos já avançamos. (1999, p. 305)

E quando aceitamos que nossos pacientes podem, por vezes, nos superar em seu desenvolvimento interior, abrimos espaço para uma relação terapêutica mais enriquecedora e genuína. Reconhecendo nossos limites, demonstramos respeito e confiança no processo de cada indivíduo e, assim, permitimos que possam assumir o protagonismo da sua jornada. Jung afirma que “[...] não é possível levar um paciente além do ponto em que estamos” (OC 16/1, §179), isto quer dizer que, é vital estarmos

conscientes nos nossos limites e do avanço do nosso processo de autoconhecimento e individuação enquanto analistas em (trans)formação.

Concluimos assim, que, a investigação da própria história é um elemento primordial no desenvolvimento pessoal e profissional do analista junguiano. Conhecer as origens, traumas e padrões inconscientes não só enriquece a prática clínica, mas também nos capacita para sermos facilitadores mais humanos no processo dos pacientes. Ao integrar os aspectos da nossa jornada, nos tornamos um exemplo vivo e presente do trabalho de transformação e cura que buscamos facilitar. Natel sustenta que

Para que possamos passar por essa formação em psicologia analítica, ou psicologia profunda, temos que, ao identificar as nossas dores e doenças psíquicas, por intermédio de nossa análise individual, sermos capazes de curá-las e, assim, estarmos aptos a curar o nosso paciente. (2019, p. 47)

Isto significa dizer que, *precisamos* ser capazes de apontar e tocar as feridas da nossa história. Somente ao reconhecermos que elas também estão em nós, estaremos habilitados a amparar o caminho de cura do outro.

Da mesma maneira que o início da formação se debruça sobre a história pessoal de Jung, nós também buscamos entender os atravessamentos e desafios da nossa história frente a prática clínica. Pelo caminho da formação como analistas junguianos,

[...] nós, terapeutas, [...] devemos ter a capacidade de acolher e de, por intermédio do nosso próprio processo de autoconhecimento e individuação, promover aos nossos pacientes a mesma orientação em busca do Si-mesmo. Nossa profissão e ofício devem, em primeira instância, promover a cura, e para que possamos efetivá-la, a nossa cura é fundamental. (Natel, 2019, p. 45)

Reforçando assim, que o processo da psicoterapia é como um diálogo, ou seja, um processo dialético, no qual há uma interligação entre dois indivíduos, onde “[...] a pessoa é um sistema psíquico, que, atuando sobre outra pessoa, entra em interação com outro sistema psíquico” (Jung, OC 16/1 §1), onde ambos são afetados constantemente.

A partir disto, podemos perceber que estas reflexões atestam a magnitude dos efeitos de debruçar-se sobre a própria história. Franz alerta que “[...] o direito de praticarmos esta profissão precisa ser repetidamente conquistado dentro de nós”

(1999, p. 306), ou seja, o confronto e aprofundamento na biografia individual deve ser contínuo. E neste sentido, precisamos ser vigilantes enquanto analistas junguianos, para podermos oferecer um ambiente propício para o início da jornada de nossos pacientes e poder seguir com a nossa jornada de (trans)formação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOLLIS, James. **Assombrações: dissipando os fantasmas que dirigem nossas vidas**. São Paulo: Paulus, 2017.

JACOBY, Mario. **O encontro analítico: transferência e relacionamento humano**. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, Carl Gustav. **A prática da psicoterapia: contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência (OC16/1)**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

NATEL, Rejane Maria Gomes Leite. **O curador ferido: mito e formação junguiana**. 1. ed. Curitiba: Appris, Edição Kindle, 2019.

FRANZ, Marie-Louise von. **Psicoterapia**. São Paulo: Paulus, 1999.

TORRES, Renata Ferraz. **O curador-ferido e a individuação**. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. 1º semestre de 2018. Volume 36-1. Páginas 49 a 58. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jung/v36n1/08.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2024.

## REFERÊNCIAS CONSULTADAS

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega (volume II)**. Petrópolis: Vozes, 1987.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: Histórias de deuses e heróis**. HarperCollins, 2. ed. 2017.